



## Cuidar, educar e prevenir: As funções da creche na subjetivação de bebês

MARIOTTO, R. M. M. **Cuidar, Educar e Prevenir**: As funções da creche na subjetivação de bebês. São Paulo: Escuta, 2009.

**Juliane Ozelame Ribas<sup>[a]</sup>, Lucélia Maria Gonçalves<sup>[a]</sup>, Márcia Takahata Wakamatsu<sup>[a]</sup>**

<sup>[a]</sup> Alunas do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: lucelia.goncalves@pucpr.br

---

A autora Rosa Maria Marini Mariotto é psicóloga, professora da PUCPR e idealizadora do Programa de Prevenção e Atendimento Inicial (PROPAI), na PUCPR. Possui o doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo IPUSP. É também psicanalista e membro da Associação Psicanalítica de Curitiba, da Associação Brasileira de Estudos sobre o Bebê (ABEBE).

Na introdução do livro, a autora apresenta o objetivo da obra, que visa a formalizar o modo de participação do cuidador de creche no desenvolvimento e subjetivação de bebês de até 18 meses, por meio de discussões que envolvem o cuidar, educar e prevenir. Discorre ainda sobre como surgiu o interesse sobre a temática, o percurso que a pesquisa teve, desde quando surgiu, sua elaboração, como foi realizada e sua conclusão.

No primeiro capítulo, Mariotto traz as primeiras postulações de Freud a respeito de seus próprios materiais como exemplos de considerações teóricas. Assim, a autora chama a atenção para a influência exercida pelas transformações sociais, que interferiram na educação infantil, levantando questionamentos sobre o lugar e a função que a creche ocupa na constituição do sujeito.

O segundo capítulo retrata a importância da instituição da linguagem como processo de humanização, que permite à criança inserir-se na cultura, tomando lugar em relação à lei. Assim, Mariotto recapitula os preceitos das teorias do desenvolvimento, psicanalítica e evolucionista. A autora menciona os pressupostos de Freud e Lacan, articulando-os com a Psicologia, e assegura que as experiências infantis precoces adquirem lugar privilegiado não apenas na montagem subjetiva, mas também no funcionamento cerebral.

Sendo assim, a autora menciona os diversos teóricos, explicitando a importância das relações parentais, do adulto cuidador, na construção de um sujeito. Ela ainda ressalta que o ambiente da creche necessita instaurar a permanência da palavra e do discurso como agentes da humanização.

No capítulo 3, discute-se as transformações discursivas que ocorrem entre a *creche*, o *educador* e o *bebê* no enfoque psicanalítico. A autora também faz uma reflexão sobre o saber, trazendo uma discussão sobre o discurso do mestre como um saber onipotente; o discurso universitário, em que o mestre cede lugar ao saber científico; e o discurso capitalista, no qual a educação é considerada como o mercado do saber, ou seja, um bem de consumo. A autora sugere introduzir nas creches o discurso do analista para conseguir subjetivá-las.

No capítulo 4, a autora afirma que as crianças estão iniciando a vida escolar mais precocemente, e por isso a escola passa a contribuir para a montagem psíquica e o estabelecimento dos laços sociais. O trabalho de pesquisa foi realizado em creches e refere-se ao estudo da qualidade psíquica do laço com o outro – no caso, o educador e o bebê –, por meio de indicadores do IRD (Índices clínicos para o Desenvolvimento Infantil), que podem detectar falhas no desenvolvimento da criança. Esses indicadores foram reformulados especificamente para aplicação com os cuidadores, concentrando-se na leitura da relação destes com os bebês e, desta forma, poder desenvolver também a própria percepção dos cuidadores sobre a sua importância na participação da montagem do aparelho psíquico das crianças.

O capítulo 5, referente à paternagem como posição discursiva, discute a visão que a sociedade possui com relação à função das creches e à função real que elas exercem. Socialmente as creches são situadas, na maioria das vezes, como um espaço que substitui os cuidados maternos; porém, este lugar promove o afastamento da relação primordial, ou seja, posiciona-se como agente da função paterna. Sendo assim, a autora discute a importância da função materna e paterna, relatando as consequências do declínio que essa última está sofrendo atualmente.

No capítulo 6, a autora demonstra que o trabalho realizado na creche pode ser visto como uma prevenção, pois este fez com que houvesse uma compreensão da necessidade de garantir condições mínimas para a constituição da subjetividade.

O ato educativo faz com que a criança renuncie às pulsões, fazendo com que o corpo do sujeito submetesse ao princípio da realidade que lhe é imposto; porém, a autora logo pontua o cuidado que deve ser tomado com relação a essas exigências do ato educativo, pois esse sujeito pode correr o risco de ser submetido a renunciar algo que ele ainda não estabeleceu.

Por fim, no último capítulo, a autora opta por avançar ainda mais no tema em vez de concluí-lo, com o intuito de contribuir com as políticas de prevenção e atendimento à saúde mental no país. A partir disso, Mariotto destaca alguns temas essenciais para a realização da proposta de cuidar e educar moebiana.

Trata-se de uma obra elaborada com originalidade e elegância. Um texto encantador que, ao mesmo tempo em que se caracteriza pela atualização acerca das postulações dos mestres Freud e Lacan, no que se refere à constituição do sujeito, convoca-nos a refletir sobre a importância da creche e das relações primordiais na instituição da palavra e do discurso para a humanização de nossos bebês. A leitura é recomendada pela linguagem atraente e pelo modo sucinto, claro e objetivo com que nos leva a refletir sobre a prevenção dentro de um tratamento precoce.

Recebido: 17/05/2009

*Received:* 05/17/2009

Aprovado: 22/08/2009

*Approved:* 08/22/2009